

## The Characteristics of Not-Soul-SN 22.59

Certa vez, o auspicioso vivia em Bârâñasi, no bosque dos veados, em Isipatana. Lá, o auspicioso dirigiu-se ao grupo de cinco monges.

“Monges,” disse ele.

“Senhor,” aqueles monges responderam ao auspicioso.

O auspicioso disse isto:

“Monges, a forma não é a alma. Monges, se a forma fosse esta alma, então a forma não conduziria isto à opressão, e seria possível controlar a forma—‘Que minha forma seja assim. Que minha forma não seja assado.’ Monges, porque a forma não é a alma, a forma conduz à opressão, e não é possível controlar a forma—‘Que minha forma seja assim. Que minha forma não seja assado.’

A sensação não é a alma. Monges, se a sensação fosse esta alma, a sensação não conduziria isto à opressão, e seria possível controlar a sensação—‘Que minha sensação seja assim. Que minha sensação não seja assado.’ E porque, monges, a sensação não é a alma, a sensação conduz à opressão, e não é possível controlar a sensação—‘Que minha sensação seja assim. Que minha sensação não seja assado.’

O reconhecimento não é a alma. Monges, se o reconhecimento fosse esta alma, o reconhecimento não conduziria isto à opressão, e seria possível controlar o reconhecimento—‘Que meu reconhecimento seja assim. Que meu reconhecimento não seja assado.’ E porque, monges, o reconhecimento não é a alma, o reconhecimento conduz à opressão, e não é possível controlar o reconhecimento—‘Que meu reconhecimento seja assim, que meu reconhecimento não seja assado.’

As fusões não são a alma. Monges, se as fusões fossem esta alma, as fusões não conduziram isto à opressão, e seria possível controlar as fusões—‘Que minhas fusões sejam assim. Que minhas fusões não sejam assado.’ E porque, monges, as fusões não são a alma, as fusões conduzem à opressão, e não é possível controlar as fusões—‘Que minhas fusões sejam assim. Que minhas fusões não sejam assado.’

A percepção não é a alma. Monges, se a percepção fosse esta alma, a percepção não conduziria isto à opressão, e seria possível controlar a percepção—‘Que minha percepção seja assim. Que minha percepção não seja assado.’ E porque, monges, a percepção não é a alma, a percepção conduz à opressão, e não é possível controlar a percepção—‘Que minha percepção seja assim. Que minha percepção não seja assado.’ “

“O que pensais, monges, a forma material é permanente ou transitória?”

“Transitória, Senhor.”

“E aquilo que é transitório, é doloroso ou prazeroso?”

“Doloroso, Senhor.”

“E aquilo que é transitório, doloroso, e tem qualidade mutável, seria sensato concluir—‘Isto é meu. Eu sou isto. Isto é minha alma.’?”

“Não, não seria, Senhor.”

“O que pensais, monges, a sensação é permanente ou transitória?”

“Transitória, Senhor.”

“E aquilo que é transitório, é doloroso ou prazeroso?”

“Doloroso, Senhor.”

“E aquilo que é transitório, doloroso, e tem qualidade mutável, seria sensato concluir—‘Isto é meu. Eu sou isto. Isto é minha alma.’?”

“Não, não seria, Senhor.”

“O que pensais, monges, o reconhecimento é permanente ou transitório?”

“Transitório, Senhor.”

“E aquilo que é transitório, é doloroso ou prazeroso?”

“Doloroso, Senhor.”

“E aquilo que é transitório, doloroso, e tem qualidade mutável, seria sensato concluir—‘Isto é meu. Eu sou isto. Isto é minha alma.’?”

“Não, não seria, Senhor.”

“O que pensais, monges, as fusões são permanentes ou transitórias?”

“Transitórias, Senhor.”

“E aquilo que é transitório, é doloroso ou prazeroso?”

“Doloroso, Senhor.”

“E aquilo que é transitório, doloroso, e tem qualidade mutável, seria sensato concluir—'Isto é meu. Eu sou isto. Isto é minha alma.'?”  
“Não, não seria, Senhor.”

O que pensais, monges, a percepção é permanente ou transitória?

“Transitória, Senhor.”

“E aquilo que é transitório, é doloroso ou prazeroso?”

“Doloroso, Senhor.”

“E para aquilo que é transitório, doloroso, tem a qualidade da mudança, seria sensato concluir—'Isto é meu. Eu sou isto. Isto é minha alma.'?”

“Não, não seria, Senhor.”

“Por causa disso, monges, qualquer forma material, passada, futura ou presente, interna ou externa, grosseira ou sutil, ruim ou boa, próxima ou distante, toda forma material deve ser vista como ela é, com consciência correta, exatamente assim: 'Isto não é meu. Eu não sou isto. Isto não é minha alma.'”

Qualquer sensação, passada, futura ou presente, interna ou externa, grosseira ou sutil, boa ou ruim, próxima ou distante, toda sensação deve ser vista como ela é, com consciência correta, exatamente assim: 'Isto não é meu. Eu não sou isto. Isto não sou eu mesmo.'”

Qualquer reconhecimento, passado, futuro ou presente, interno ou externo, grosseiro ou sutil, bom ou ruim, próximo ou distante, todo reconhecimento deve ser visto como ele é, com consciência correta, exatamente assim: “Isto não é meu. Eu não sou isto. Isto não sou eu mesmo.”

Quaisquer fusões, passadas, futuras ou presentes, internas ou externas, grosseiras ou sutis, boas ou ruins, próximas ou distantes, todas as fusões devem ser vistas como elas são, com consciência correta, exatamente assim: “Isto não é meu. Eu não sou isto. Isto não sou eu mesmo.”

Qualquer percepção, passada, futura ou presente, interna ou externa, grosseira ou sutil, ruim ou boa, próxima ou distante, todas as percepções devem ser vistas como elas são, com consciência correta, exatamente assim: 'Isto não é meu, eu não sou isto. Isto não é minha alma.'

Tendo visto isto, monges, um discípulo que aprendeu com os nobres torna-se desencantado com a forma material, torna-se desencantado com a sensação, torna-se desencantado com o reconhecimento, torna-se desencantado com as fusões, torna-se desencantado com a percepção. Tendo-se tornado desencantado, a paixão se desvanece. Sem paixão, ele está liberto. Na liberdade, há o conhecimento da liberdade. Ele está ciente, “Os nascimentos se esgotaram. A vida suprema foi cumprida. O que havia de ser feito foi feito. Não há mais retorno a este lugar.”

O auspicioso disse isto. Contente, o grupo de cinco monges deleitou-se nas palavras do auspicioso. Enquanto esta resposta era proferida, as psiques do grupo de cinco monges, por nada assumirem, foram libertas dos impulsos.

*Saṃyutta Nikāya 22.59*